
Educomunicação e combate ao abuso sexual: análise das narrativas de radionovela e animação produzidas pela Rádio Margarida¹

Gecilene Magalhães Marinho BARROS²

Thiago Almeida BARROS³

Ivana Cláudia Guimarães de OLIVEIRA⁴

Universidade da Amazônia, Belém, PA

RESUMO

Este artigo consiste em análise de conteúdos educativos midiáticos produzidos pela organização não governamental (ONG) Rádio Margarida voltados à conscientização de crianças e adolescentes contra o abuso sexual. A partir do ponto de vista da narratologia e da educomunicação, buscamos compreender como a radionovela "Lenda de sombra e luz, uma história sobre abuso sexual" e a animação com fantoches "O poder de dizer não" são estruturadas como ferramenta de combate à violência e proteção a comunidades da Amazônia Paraense afetadas de forma recorrente por esse tipo de crime. Consideramos que as estratégias narrativas empregadas, em diálogo com as culturas locais e linguagens relacionadas às faixas etárias em questão, ressignificam saberes e suprem lacunas informativas e educacionais em contextos de vulnerabilidade social.

PALAVRAS-CHAVE: Educomunicação; radionovela; animação; narrativas; abuso sexual.

INTRODUÇÃO

A intensificação do debate público e tomada de ações contra o abuso sexual são fundamentais na sociedade atual. O problema atinge pessoas de todas as idades, mas afeta crianças e adolescentes de forma intensa no Brasil. A adoção de estratégias educacionais para abordar a questão e estimular a conscientização é caminho importante para o combate à falta de conhecimento. Iniciativas em todo o País usam diferentes mídias para promover a discussão sobre essas violências com informações relevantes e formatos acessíveis. De recursos de áudio a vídeos e aplicativos, a apresentação do assunto de forma sensível, mas objetiva, pode fazer a diferença para que pessoas em situação de

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Pesquisa – Comunicação e Educação do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Pedagoga, comunicóloga e mestra em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC), Unama, e-mail: gecilene.marinho@gmail.com.

³ Jornalista e doutor em Comunicação, Linguagens e Cultura. Professor do PPGCLC, Unama, e-mail: tbarros81@gmail.com.

⁴ Jornalista e doutora em Ciências do Desenvolvimento Socioambiental (NAEA/UFPA). Professora do PPGCLC, Unama, e-mail: ivana.professora2020@gmail.com.

vulnerabilidade reconheçam e denunciem situações de abuso que sofram ou testemunhem.

Somente de janeiro a abril de 2023, o Disque Direitos Humanos (Disque100) registrou em todo o Brasil 17,5 mil violações sexuais físicas e psíquicas contra crianças e adolescentes, segundo dados do Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania (DISQUE100, 2023). De acordo com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública, a maior parte desses tipos de crime ocorre dentro das casas onde moram as vítimas. Em relação ao estupro de vulnerável, considerando levantamento de 2022, o perfil mais recorrente do criminoso é o seguinte: homem (95,4%) e conhecido da vítima (82,5%) (ANUÁRIO, 2022).

Estratégias educacionais que utilizam recursos de mídias podem ser adaptadas à faixa etária de crianças e adolescentes e envolver histórias ou personagens com os quais os sujeitos possam se identificar, potencializando o aprendizado. Diante deste contexto, desenvolvemos neste artigo uma análise de conteúdos educativos midiáticos produzidos pela organização não governamental (ONG) Centro Artístico Cultural Belém Amazônia (CACBA), conhecida como Rádio Margarida, que atua há 30 anos em Belém-PA: a radionovela educativa "Lenda de sombra e luz, uma história sobre abuso sexual" e a animação com fantoches "O poder de dizer não". Buscamos compreender como essas práticas narrativas de mídias diferentes problematizam questões importantes acerca da educação de crianças e adolescentes de regiões ribeirinhas da Amazônia Paraense e do combate a violências que afetam seus moradores de forma recorrente, especialmente o abuso sexual. Enquadramos as produções como objetos da narratologia, observando os enunciados a partir dos planos da expressão, estória e metanarrativa (MOTTA, 2013).

Escolhemos dois produtos distintos de um mesmo dispositivo emissor para avançar em estudos sobre estratégias educacionais e suas interfaces com a comunicação. Em contextos diferentes, a Rádio Margarida lança mão de recursos midiáticos para contar histórias educativas da forma que considera mais adequada a determinados públicos. O contar precisa sustentar a complexidade das realidades físicas e culturais dos sujeitos, à ação social. Desta maneira, consideramos que o método da narratologia é capaz de sustentar a análise da radionovela e da animação de forma interdisciplinar, pois as produções envolvem desde mitos e fábulas amazônicas a informações factuais de situações de abuso sexual nas cidades da Região Norte do País.

O método de educação popular trabalhado pela Rádio Margarida dialoga com as características locais e culturais regionais, permitindo o desenvolvimento de campanhas educativas itinerantes. Consideramos que essas ações e produtos derivados podem ser enquadrados no campo emergente da Educomunicação, que propõe a ressignificação de saberes e interação com múltiplas linguagens, em uma visão interdisciplinar de ensino - um contraponto a perspectivas conteudistas e fragmentadas (SOARES, 2011).

COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO

Em seu sentido fundamental, o termo comunicação refere-se à relação entre consciências (MARTINO, 2001). O processo comunicativo envolve uma teia de sentidos diversos que os sujeitos assumem conforme suas conexões estabelecidas socialmente. Da aproximação entre comunicação e educação emerge o campo da educomunicação, que tem se firmado como epistemologia de diferentes ecossistemas educativos, democráticos, ativos, criativos, globalizados e atentos às dinâmicas das novas tecnologias. Neste contexto, Orofino (2005) destaca a importância de uma pedagogia dos meios. A utilização de tecnologias da comunicação permite, em determinadas situações, a quebra de barreiras, proporcionando aos sujeitos a circulação em diferentes espaços de interlocução.

A cultura primeira, adquirida antes ou fora da escola, sofre influência dos meios de comunicação, que não só executam um papel informativo, mas deixam marcas na construção da identidade dos sujeitos. “A cultura primeira do aluno é, desde já, uma cultura midiática, por força da sociedade em que vive” (OROFINO, 2005, p. 23).

As transformações nas formas de comunicação e suas intenções delineiam caminhos desafiadores. Novos contornos de percepção emergem desse movimento e caracterizam essas mudanças. “A educação sempre foi misturada, híbrida, sempre combinou vários espaços, tempos, atividades, metodologias, públicos (...) com a mobilidade e a conectividade, é muito mais perceptível, amplo e profundo” (MORAN, 2015, p. 27).

Para Gaia (2001, p. 13), a mídia vem estabelecendo características pedagógicas de maneira mais evidente: “Neste sentido, projetos de Mídia e Educação ou Educomunicação tornam-se uma alternativa para uma maior aproximação entre escola e sociedade”. Soares (2011) enfatiza que, no desenvolvimento de ecossistemas comunicativos, o educador atua qualificando suas ações como:

a) Inclusivas (nenhum membro da comunidade pode sentir-se fora do processo); b) Democráticas (reconhecendo fundamentalmente a igualdade radical entre as pessoas envolvidas); c) Midiáticas (valorizando as mediações possibilitadas pelos recursos de informação); d) Criativas (sintonizadas, com toda forma de manifestação da cultura local) (SOARES, 2011, p.37).

Segundo Schaun (2002), a educomunicação está se afirmando como um campo de intervenção social que busca incluir a comunicação no processo da mediação educacional: o campo é caracterizado por atividades de ações políticas e sociais, fundamentadas na análise crítica do papel dos meios de comunicação que atuam no âmbito do ensino formal e informal.

COMPREENSÃO DAS ESTRATÉGIAS NARRATIVAS

Narrar envolve as raízes da cultura oral e compreende também a “tessitura de elementos: acontecimento, interligações, antecedentes e consequentes” (MOTTA, 2013, p. 71). Essas experiências humanas se dão a partir da linguagem como expressão. Toda narração de acontecimentos é uma construção de representações que têm autor e um alvo. Os acontecimentos narrados abrigam personagens, atores, realizações – sejam eles reais ou ficcionais. O narrador vai adiante do objeto representado; apropria-se dele: narrar não é somente uma história, é uma atitude argumentativa, tem intencionalidades.

A narratologia tem como cerne analisar não somente o texto de forma isolada, mas também o fato cultural em contexto e a situação de comunicação. É a partir desta perspectiva que pretendemos analisar as produções em questão. Consideramos a compreensão de como sujeitos constroem significados a partir das três instâncias expressivas do discurso narrativo, que se desenvolvem superpostas: a) o plano de expressão: linguagem ou discurso; b) o plano da estória: ou conteúdo, enredo ou intriga; e c) o plano da metanarrativa: pano de fundo, temas, fábula e modelos de mundo (MOTTA, 2013, p. 134). Para isso, dividimos os conteúdos em camadas. A radionovela em áudio e texto; e a animação, em imagem, áudio e texto.

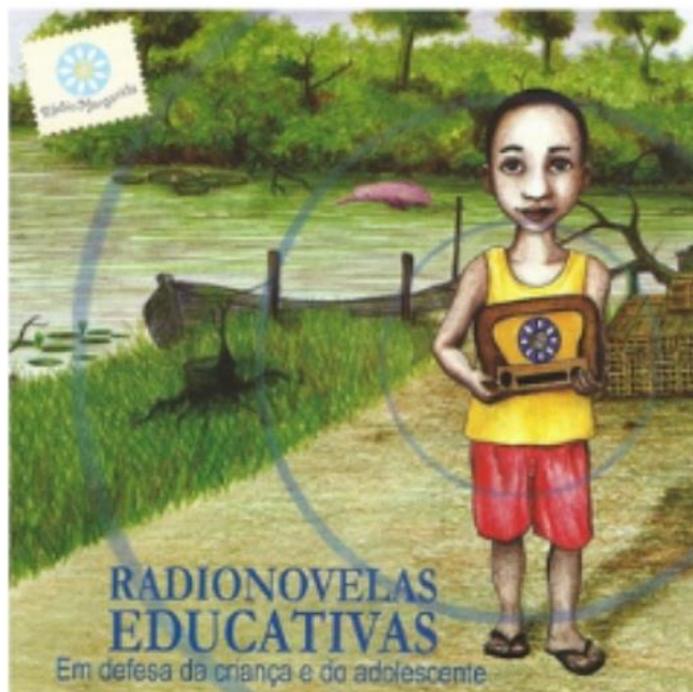
Desta forma, identificamos as diferentes estratégias narrativas utilizadas pela Rádio Margarida, as aproximações e afastamentos na construção de argumentos e como as produções dialogam com o campo da comunicação a partir dos pressupostos teóricos que apresentamos a seguir. Radionovelas e animações educacionais podem explorar diversos temas, com diferentes narrativas, para estabelecer diálogos contextualizados.

Fazem parte dos conteúdos de comunicação, com linguagens integradas aos processos educacionais, segundo Moran (1993, p. 10), "fundamentais para um processo de educação mais rico e participativo".

UMA RADIONOVELA ENTRE O FANTÁSTICO E O FACTUAL

"Lenda de sombra e luz, uma história sobre abuso sexual" faz parte da coletânea "Radionovelas Educativas", disponibilizada em *compact disc* (CD), em 2012, em projeto da Rádio Margarida que contou com apoio da Petrobras (LENDA, 2012). A radionovela conta a história de Manoel, um homem que demonstrava a intenção de cometer o crime de abuso sexual contra a vizinha Maria, uma adolescente de 12 anos, que costumava tomar banho em um igarapé. Também compõem a narrativa figuras do imaginário amazônico: Matinta Perera, Mãe D'Água e Curupira, que protegem e orientam Maria e informam a Manoel que seu intuito é criminoso, levando-o a se regenerar, aprendendo com a experiência. As cenas são entremeadas por recursos que remetem aos sons da floresta, com o vaivém das águas, canto de pássaros e outros animais e vento a balançar as copas de árvores frondosas.

Imagem 1 – Capa do CD “Radionovelas Educativas”.



Fonte: Lenda (2021).

A narrativa se desenvolve em um tempo fantástico, não definido, que envolve o factual dos problemas sociais e um mundo no qual figuras mitológicas do imaginário amazônico dialogam com seres humanos em proximidade. O abuso sexual é identificado como crime que se perpetua desde tempos imemoriais e que, ainda no momento enquadrado pela história, requer esforço coletivo para ser combatido.

O local da história é um vilarejo cercado de florestas, onde Maria brinca, nada dos igarapés e canta enquanto passeia pelas trilhas. O crime de abuso sexual começa a ser caracterizado pela perseguição da adolescente pelo vizinho Manoel. No entanto, o homem é vigiado pela Matinta Perera, que faz os primeiros alertas acerca dos interesses inadequados, da idade da menina, cobrando que ele refletisse sobre suas atitudes.

Narrador: Escute, minha gente. Essa história que vou contar acontece todos os dias, no tempo de antes e de agora. Em um vilarejo no meio da Amazônia, onde era comum pessoas conversarem com as lendas da floresta, havia uma linda menina chamada Maria. Ela gostava de brincar, nadar no rio e cantar. Ah, como era lindo o seu canto. “Alecrim, alecrim dourado, que nasceu no campo sem ser semeado...”.

Manoel: Mas de quem é essa voz tão bonita? Eu já vou espiar...

Matinta: Manoeeeeel?!

Manoel: Hã... quem é que está me chamando?!

Matinta: Sou eu, Manoel... A Matinta Perera! Achas que não sei o que estás pensando? Estás de olho na menina que está banhando no igarapé.

Manoel: Matinta?! Estou pensando nada, ora essa. Teu tabaco está te dando uma nóia.

Matinta: Hum... Mas o fumo que eu tenho é dado... Eu não roubo de ninguém... Olha, Manoel, vê como vais te aproximar da pequena Maria, ela só tem 12 anos. Pensa muito bem antes de qualquer atitude. (LENDA, 2012).

Em todas as situações em que Manoel aborda Maria, a adolescente demonstra que sente medo e explica os motivos, especialmente pelas conversas e olhar "esquisito" do homem.

Narrador: No dia seguinte, enquanto Maria brincava no igarapé, Manoel de longe a observava e pensava:

Manoel: Égua, que corpinho (suspiro). Eita menina bonita!

Narrador: Naquele momento, Maria sentiu que estava sendo observada e disse:

Maria: Tem alguém aí? Isso não tem graça. Estou ficando com medo.

Manoel: Ô, Maria, fique com medo não, sou eu, o Manoel, teu vizinho. Achei teu canto bonito. Podes cantar para mim?

Maria: Qual deles? Cantei tantos.

Manoel: Aquele lá... que fala em “meu amor”.

Maria: Por que seu Manoel? Por que esse que fala de amor?

Manoel: Porque me faz sentir e lembrar de umas coisas.

Maria: Que coisas, seu Manoel?

Manoel: É melhor falar, não... Tu não entendes ainda essas coisas... (suspiro). Quer banhar comigo noutra igarapé?

Narrador: Maria começou a ficar incomodada com aquela situação. Sentiu que não devia ficar ali.

Maria: Não, seu Manoel, está ficando tarde. Tchau.

Manoel: Tchau, não. Até logo. (LENDA, 2012)

Ao se encontrar com o Curupira, Maria recebe orientações: precisa ter cuidado no contato com pessoas mais velhas, não deve ficar sozinha e nem tomar banho nua nos igarapés por causa dos "adultos maldosos" e especialmente não ter vergonha de informar aos pais e responsáveis sobre qualquer tipo de dúvidas ou problemas.

Narrador: No outro dia, Maria estava passando perto da floresta, quando, de repente, surgiu o Curupira.

Maria: Curupira! Que susto!

Curupira: Hihhi... Maria, que medo todo é esse?!

Maria: Não é nada, não... É... Tá bom, vou te contar... É que o seu Manoel, aquele meu vizinho, andou me olhando de um jeito estranho enquanto tomava banho no igarapé... Fiquei sem jeito, senti medo. Ele falou que meu canto faz lembrar de coisas que eu ainda não entendo. Depois até me convidou para nadar em outro igarapé.

Curupira: Escute Maria, tu ainda és criança, precisa ter certos cuidados. Já te disse que além de ser perigoso ficar só em certos lugares, também não é bom tomar banho nua na frente das pessoas. Tem muitos adultos maldosos por aí, é melhor se prevenir. Mas, olha, conta isso para teus pais ou algum adulto que confies; não fica com vergonha, viu? (LENDA, 2012).

Também advertido pelo Curupira, Manoel insiste em assediar Maria e desperta a ira da Mãe D'Água, que surge diante dos dois, em um igarapé. A figura mitológica atua como juíza, rememora os atos impróprios do homem denunciados pela Matinta Perera e pelo Curupira. Com poder de decisão, estabelece a sentença de abuso sexual, reforçando que o crime também é caracterizado na floresta e não somente no mundo dos homens. Manoel, então, assume que suas atitudes são criminosas e Mãe D'Água conclui:

Esse desejo não pode se voltar contra a criança. Se isto acontecer, estará acontecendo abuso sexual, em que uma pessoa, para satisfazer seu interesse sexual, usa crianças ou adolescentes. Isso é um crime segundo as leis da natureza e a lei dos homens. Ouves bem Manoel, tu precisas mudar (LENDA, 2012).

A narrativa da radionovela é construída a partir da dualidade entre medo e atitude. As personagens ligadas ao folclore são orientadoras e impulsionadoras de aprendizado e

empoderamento de Maria, para que a adolescente enfrente as situações adversas e decida denunciar situações de abuso, pois pode recorrer aos pais e responsáveis sem vergonha de ser julgada ou não compreendida. Para isso, precisa identificar problemas relacionados a comportamentos inadequados, reforçados na produção pelas expressões "olhar", "sexual", "abuso", "crime", "desejo", "corpo", "estranho", "maldoso" e "assustador".

As radionovelas utilizam das histórias que permeiam a imaginação e a realidade na mesma dimensão, possibilitando enredos fantásticos, apoiados nos elementos da cultura e exploração da criatividade a partir das técnicas de sonoplastia. As narrativas de rádio "provocam nos ouvintes emoções e fantasia", características que as tornaram populares no Brasil (CHAVES, 2007, p. 69).

Analisada a partir do conceito de fantástico, a história de Maria e Manoel ganha destaque no momento em que elementos de sua estética se manifestam em processos comunicativos. O narrar, neste caso, mostra "intenções de causar certos efeitos cognitivos em um sujeito interpretante" (MOTTA, 2006, p. 55).

No percurso ordenador e racionalizador do real, por sua linguagem voltada ao problema factual do abuso sexual contra crianças e adolescentes, a produção empreende uma fugaz saída da realidade para garantir significativas experiências de recepção. Ou seja, quando coloca em cena Matinta Perera, Curupira e Mãe D'Água ao lado dos protagonistas humanos, busca o estético ou emocional, frente a encontros insólitos, mas que "mantém vínculo com a essência da vida diária que as referencia" (MOTTA, 2006, p. 61). No caso das radionovelas, essas camadas fantásticas são ainda mais espessas por conta da ausência da imagem.

Enquanto manifestações culturais e artísticas, as radionovelas destacam diversos temas, muitos deles com o senso comum representado por mitos e lendas, narrando crenças e conhecimentos, proporcionando reflexões a partir da experiência do ouvir. Estimulam a sensibilidade, a percepção estética e ajudam o ouvinte a conhecer e compreender o que ainda não consegue articular (EISNER, 1999). Em grupo focal aplicado em comunidade de pescadores no município de Melgaço, no arquipélago do Marajó, no Pará, Cal, Paiva e Fernandes (2016) apresentaram a radionovela "Lenda de sombra e luz, uma história sobre abuso sexual" - além de outros conteúdos educacionais - e chegaram à conclusão de que o uso da linguagem e de contexto da cultura amazônica foi fundamental para o estímulo à discussão sobre violência sexual pelos participantes do experimento.

Reconhecer o papel educomunicativo da radionovela é perceber que ele acontece à medida que amplia as formas de comunicação neste ambiente, ajuda a desenvolver competências e habilidades dos sujeitos a partir de seus estímulos, despertando a imaginação e objetivando a participação atuante dos alunos, com o intuito de desconstruir a visão unilateral de aprendizado, onde aluno tinha apenas a função coadjuvante. “O que a arte proporciona é uma contribuição ampla ao desenvolvimento e às experiências humanas” (EISNER, 1999).

ANIMAÇÃO E ENCENAÇÃO DAS RELAÇÕES COTIDIANAS

Caracterizada pela produção de conteúdos radiofônicos, a Rádio Margarida intensificou a produção de vídeos educativos para disponibilização em seu canal na plataforma de rede social *YouTube* (radiomargaridaong). Entre eles constam minidocumentários, entrevistas e animações, a exemplo de "O poder de dizer não", publicado em 2021, em parceria com a prefeitura de Tucumã-PA, e que se destaca pelo diálogo entre dois bonecos fantoches, representando duas crianças ou adolescentes, Débora e Antônio. Eles conversam sobre o que é abuso sexual, pontuando de forma didática as mais recorrentes formas de aproximação de criminosos. Débora fala toques inadequados, oferecimento de presentes e tentativas para criação de segredos entre vítima e abusadores. No final, Antônio compreende que, informado, também tem o superpoder de dizer não à violência (RADIOMARGARIDAONG, 2021).

Imagem 2 – *Frame* do diálogo entre fantoches em “O poder de dizer não”



Fonte: Radiomargaridaong (2021)

A narrativa se desenvolve em um parque de praça, cercado por brinquedos, onde Débora e Antônio se encontram e começam a conversar. Enquanto a menina tenta explicar que descobriu ter poderes especiais, o menino tenta convencê-la a brincar com a bola puxando-a pelo braço. Essa aproximação, considerada por Débora como uma abordagem violenta, é utilizada como gancho para a posterior caracterização de diferentes dimensões sobre o abuso sexual contra crianças e adolescentes.

Débora: Presta atenção, Antônio, é que a mamãe e o papai me explicaram umas coisas e me falaram que eu tenho um poder bem grandão. O poder de dizer não!

Antônio: Que nada, vamos logo que é! (brincar com a bola)

Débora: Não! Eu não quero ir e você não pode me pegar com violência.

Antônio: Aí, desculpa aí, super Débora foi sem querer. Ei, eu também quero ter esse superpoder (RADIOMARGARIDAONG, 2021).

Débora, então, ressalta que Antônio precisa ter noção de que o corpo das pessoas precisa ser respeitado, sobretudo as "partes íntimas", de acordo como ela explica ao amigo: "São as partes do corpo que ficam cobertas pela roupa, como o 'peito', o 'piu piu', o 'bumbum' e a 'pepeca'." (RADIOMARGARIDAONG, 2021). A menina relaciona essa consciência ao "poder de dizer não": essas partes do corpo só podem ser vistas e tocadas pelos pais ou cuidadores quando vão dar banho, trocar de roupa, ou levar as crianças a exames médicos. Em situações diferentes, a saída é dizer não e procurar ajuda, sem medo.

Débora: Ah, sim, o poder de dizer não é quando alguém quer ver ou tocar nossas partes íntimas para fazer carinhos ou cócegas. Nós temos que dizer não! E também que está errado e não queremos que faça isso, pois é uma violência. Temos que sair correndo para pedir ajuda.

Antônio: Uau, super Débora! Que poder grandão mesmo. Já me sinto poderoso também.

Débora: Mas, olha, não devemos ter medo de usar o poder de dizer não, viu?! Às vezes, a pessoa que faz a violência pode ser alguém próximo que se faz de amigo ou amiga... E até mesmo, mãe, pai, padrasto, avô, avó, tios...

Antônio: Está bom, já entendi. Pode ser qualquer pessoa! (RADIOMARGARIDAONG, 2021).

Débora afirma a Antônio que se tornou uma super-heroína porque adquiriu o "poder de dizer não" e decide fazer um teste para descobrir se o amigo compreendeu as lições contra aproximações indesejadas:

Débora: Ah, então vamos ver se você entendeu mesmo. Se alguém lhe oferecer um presente ou doce em troca de ver ou tocar nas suas partes íntimas, o que é que você vai dizer?!

Antônio: Nããã!. Viu só? Eu já sou o super Antônio!

Débora: Calma, tem mais uma coisa que vai aumentar o seu poder.

Antônio: Ah, é, então, bora, me fala, me fala, por favorzinho, me fala!.

Débora: É se alguém pedir para você guardar segredo sobre tocar em partes do corpo, você já pode usar o seu poder e dizer bem alto: nããã! Segredos, não! (RADIOMARGARIDAONG, 2021).

A narrativa da animação se desenrola a partir de uma situação de violência identificada por Débora, que remete à necessidade de orientação de Antônio sobre limites relacionados ao corpo, partes íntimas e toque. A menina caracteriza que o poder contra esses atos é dizer "não": ser "super" é negar investidas indesejadas, violentas, abusivas e pressões com pedidos de segredo. A tensão da temática é suavizada pela opção estética do enredo vivido por bonecos fantoches, que aproximam a produção do imaginário infantil, e da construção do diálogo entre as personagens, semelhante a conversas cotidianas de crianças, de fácil compreensão, apesar da carga de informações de contexto necessárias para a caracterização do crime de abuso sexual.

Apesar de explorar elementos do faz-de-conta, importantes na etapa da educação infantil, a animação mantém a ligação com a questão factual à qual se refere. Fantoches ativam a imaginação, remetem ao riso, mas ações em situações imaginárias têm potencial educativo e ajudam crianças e adolescentes a direcionar seus comportamentos, estimulam a criação de novos significados e a reflexão sobre o próprio eu diante do problema apresentado - ou seja, quando o imaginário remete à realidade, vivencia-se o objeto do aprendizado (BERGSON, 1983; VYGOTSKY, 1991; DA SILVA FILHO, 2010).

Novas formas de mostrar são elementos-chave nesse processo, porque abrem espaço para novas experiências midiáticas, considerando a movimentação da sociedade na atualidade, como processos interacionais de referência em diversos campos, entre eles o da educação:

Com as possibilidades da imagem e do som, a exposição de situações estimuladoras de experiência vicária se amplia, enquanto objetivações postas a circular na interação social. Assim, quando antes se construía a realidade através de interações sociais baseadas essencialmente na expressão verbal, é possível hoje objetivar e fazer circular imagens (referenciais ou imaginárias), sons e, particularmente, “experiência” (BRAGA, 2006, p. 19).

Diferentemente das radionovelas disponibilizadas em *compact disc*, as animações, quando disponibilizadas nos canais da Rádio Margarida em plataformas de redes sociais como o *YouTube*, ganham contornos crescentes e alcançam novas dimensões, tanto de circulação quanto de representação de objetos e situações por representação da imagem e/ou som (BRAGA, 2006).

Sobre esses potenciais, Sodré (2013) destaca ainda a possibilidade de armazenamento de grande volume de dados e a cada vez mais veloz transmissão de conteúdos entre diversas plataformas, a fluidez da telefonia celular e a internet móvel, além das mudanças na relação espaço e tempo e sociabilidade a partir de conexões em rede. Honneth (2013) encara de maneira positiva o processo de revolução digital da comunicação, atentando para o poder transformador e suas interferências na construção e prolongamento das relações privadas, assim como olhares para o exercício político.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da intersecção existente entre comunicação e educação na contemporaneidade torna-se importante a partir da percepção dos novos olhares sobre os espaços híbridos de socialização e interação dentro e fora dos muros da escola, mas, sobretudo, pensar a importância da inclusão da comunicação nos processos de mediações educativos. Ao trilhar esse percurso, a Rádio Margarida mostra que suas ações acompanham o desenvolvimento de iniciativas inovadoras em educomunicação, absorvendo recursos das Novas Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs).

A ONG atua como agente educacional para incluir comunidades vulneráveis em ações educacionais, democratizar o acesso à informação situada, explorar recursos midiáticos a partir de linguagens criativas. Com a radionovela, aproxima a discussão sobre abuso sexual de uma narrativa fantástica, em diálogo com seres mitológicos, para chamar a atenção de seu público, especialmente em comunidades ribeirinhas amazônicas sem acesso adequado à internet e que utilizam o rádio como elemento fundamental para acesso a informações. Após uma década, investe em narrativas audiovisuais compartilhadas em plataforma de rede social, no contexto de intensificação das relações midiáticas (BRAGA, 2006; SODRÉ, 2013), alcançando novos públicos, com a possibilidade de expandir os efeitos de suas ações.

Iniciativas educacionais como as desenvolvidas pela Rádio Margarida são importantes para suprir lacunas em contextos que envolvam, sobretudo, crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social. As estratégias de criação de produtos midiáticos se aproximam das realidades locais, o que permite processos de conscientização a partir de experiências amazônicas e não replicadas de outras regiões ou realidades, de forma engessada, a exemplo do que ocorre em outros espaços educacionais submetidos a lógicas empresariais ou estatais. Consideramos que essas considerações têm relação com a afirmação de Honnet (2013, p. 550), de "que atitudes democráticas não são aprendidas nos processos educacionais dirigidos pelo Estado, mas nos ambientes pré-políticos das comunidades".

Os esforços na produção de conteúdos midiáticos e também a posterior publicação de parte deles em uma plataforma de rede social de ampla audiência reforça percursos que levam ao conhecimento mais aprofundado dos meios de comunicação e novas linguagens, em uma visão integrada aos processos educacionais. Essa aproximação, de fato, proporciona experiências educativas criativas - sintonizadas a expressões das culturas locais - e participativas, de forte cunho político e social, e que também permitam o desenvolvimento de pensamento crítico acerca do papel da mídia (MORAN, 1993; SCHAUN, 2002; SOARES, 2011).

REFERÊNCIAS

ANUÁRIO Brasileiro de Segurança Pública. **Fórum Brasileiro de Segurança Pública**, 2022. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/07/14-anuario-2022-violencia-sexual-infantil-os-dados-estao-aqui-para-quem-quiser-ver.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2023. BERGSON, Henri. **O Riso**: ensaio sobre a significação da comicidade. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.

BRAGA, José Luiz. Mediatização como processo interacional de referência. In: **Animus**: revista interamericana de comunicação midiática, Santa Maria, v. 5, n. 2, p. 9-35, jul./dez. 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/animus/article/download/6693/4050>. Acesso em: 26 dez. 2016.

CAL, Danila Gentil Rodrigues; PAIVA, Waldeir; FERNANDES, Sheila. Relações entre cultura e educação para o enfrentamento da violência sexual na Amazônia. **Revista Eletrônica Internacional de Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultura**, v. 18, p. 197-213, 2016. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/154950>. Acesso em: 16 jun. 2023.

CHAVES, Glenda Rose Gonçalves. **A Rádio Novela no Brasil**: um estudo de Odete Machado Alamy (1913-1999). Universidade Federal de Minas Gerais. 2007. 144 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, 2007.

DA SILVA FILHO, José Acioli. **O teatro de animação**. Uma linguagem artística pedagógica nos processos criativos com uma abordagem complexa multireferencial. Universidade Federal de Alagoas - Centro de Educação. 2010. 119 f. Dissertação (Mestrado em Educação Brasileira) - Universidade Federal de Alagoas, Maceió, AL, 2010.

DISQUE100 registra mais de 17,5 mil violações sexuais contra crianças e adolescentes nos quatro primeiros meses de 2023. **Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania**, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2023/maio/disque-100-registra-mais-de-17-5-mil-violacoes-sexuais-contras-criancas-e-adolescentes-nos-quatro-primeiros-meses-de-2023>. Acesso em: 20 jun. 2023.

EISNER, Elliot. Estrutura e mágica no ensino da arte. In: BARBOSA, Ana Mae (Org.). **Arte-Educação**: leitura no subsolo. São Paulo: Cortez, 1999.

GAIA, Rossana. **Educomunicação & mídias**. Maceió: Edufal, 2001.

HONNETH, Axel. Educação e esfera pública democrática. Um capítulo negligenciado da filosofia política. **Revista Civitas**, vol. 13, n. 3, p.544-562, set.-dez., 2013.

LENDA de sombra e luz, uma história sobre abuso sexual. **Radionovelas educativas**. Belém-PA: Rádio Margarida, 2012. 1 disco *compact disc*. Disponível em: <https://ajasmig.webnode.page/radionovelaseducativas/>. Acesso em: 12 jun. 2023.

MARTINO, Luiz C. De qual comunicação estamos falando? In: HOHFELDT, A. *et al.* **Teorias da Comunicação**. Conceitos, escolas e tendências. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 11-25.

MORAN, José Manuel. **Leituras dos Meios de Comunicação**. São Paulo: Ed. Pancast, 1993.

MORAN, José Manuel. Educação híbrida: um conceito-chave para a educação, hoje. In: BACICH, L.; NETO, A. T.; TREVISANI, F. M. (Orgs.). **Ensino Híbrido**: Personalização e tecnologia na educação. Porto Alegre: Penso, 2015, p. 24-45.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Notícias do Fantástico**. Jogos de linguagem na comunicação jornalística. São Leopoldo: Editora da Unisinos, 2006.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise Crítica da Narrativa**. Brasília: Editora UNB, 2013.

OROFINO, Maria Isabel. **Mídias e mediação escolar**. Pedagogia dos meios, participação e visibilidade. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2005.

RADIOMARGARIDAONG. O poder de dizer não. *YouTube*, 18 de maio de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Z2ZXV0TWew8>. Acesso em: 12 jun. 2023.

SCHAUN, Angela. **Educomunicação**. Reflexões e princípios. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

SOARES, Ismar. **Educomunicação**: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do ensino médio. São Paulo: Paulinas, 2011.

SODRÉ, Muniz. Ethos midiaticizado. In: SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho**: uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 11-82.

VYGOTSKY, Lev. **A formação social da mente**. O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 1991.